

# DE SIGMUND FREUD, CARL GUSTAV JUNG E ALFRED ADLER A ANTONIO MENEGHETTI: ESTUDO SOBRE CONCEITOS PRESENTES NA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA<sup>1</sup>

Sabrina Raminelli Hall<sup>2</sup>, Carmen I. D. Spanhol<sup>3</sup>

**Resumo:** Em um cenário da crise das ciências, a Ciência Ontopsicológica desponta com o propósito em dar uma resposta à pergunta existencial: O homem é capaz de colher o seu real? Partindo do critério ôntico do homem, de seu Em Si ôntico ela se propõe, através de seu método bilógico, indutivo-dedutivo e intuitivo, aliado às descobertas da Ontopsicologia a responder esse questionamento. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, formalizador dessa ciência, realizou estudos em diversas áreas, podendo assim afirmar que a Ontopsicologia é uma ciência interdisciplinar e epistêmica, e agrega conhecimentos de áreas como as que podemos verificar neste trabalho: Psicanálise, segundo Sigmund Freud, Psicologia Analítica, segundo Carl Gustav Jung e a Psicologia Individual, segundo Alfred Adler. É de grande importância compreendermos que, foram convalidados conceitos anteriores ao autor e, que possamos entender sua significância dentro da Ciência Ontopsicológica.

**Palavras-chave:** Ontopsicologia; Psicanálise; Psicologia Analítica; Psicologia Individual.

## **From Sigmund Freud, Carl Gustav Jung and Alfred Adler to Antonio Meneghetti: study about concepts present in Ontopsychological Science**

**Abstract:** In a scenario of science crisis, Ontopsychological Science emerges with the purpose of giving an answer to the existential question: Is man capable of reaping his real? Starting from the ontic criterion of man, from his ontic In Si, it proposes, through its bilogical, inductive-deductive and intuitive method, allied to the discoveries of Ontopsychology, to answer this question. Academic Professor Antonio Meneghetti, founder of this science, carried out studies in several areas, thus being able to state that Ontopsychology is an interdisciplinary and epistemic science, and adds knowledge from areas such as those we can verify in this work: Psychoanalysis, according to Sigmund Freud, Analytical Psychology, according to Carl Gustav Jung and Individual Psychology, according to Alfred Adler. It is of great importance that we understand that concepts prior to the author were validated and that we can understand their significance within Ontopsychological Science.

**Keywords:** Ontopsychology; Psychoanalysis; Analytical Psychology; Individual Psychology.

## **De Sigmund Freud, Carl Gustav Jung Y Alfred Adler a Antonio Meneghetti: un estudio sobre los conceptos presentes en la ciencia ontopsiológica**

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ontopsicologia da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

<sup>2</sup> Bacharelada em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: sabrinaahalls@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidad del Mar (UDELMAR – Chile/Revalidação UFSCar – Brasil). Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialização em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbU – Rússia). Pós-graduada no MBA Business Intuition: o Empreendedor e a Cultura Humanista pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Bacharel em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Professora da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: carmenspanhol@gmail.com.

**Resumen:** En un escenario de crisis de la ciencia, surge la *Ciência Ontopsicológica* con el propósito de dar respuesta a la pregunta existencial: ¿Es el hombre capaz de cosechar su real? Partiendo del criterio óntico del hombre, de su óntico En Si, propone, a través de su método biológico, inductivo-deductivo e intuitivo, aliado a los descubrimientos de la *Ontopsicología*, responder a esta pregunta. El académico Profesor Antonio Meneghetti, fundador de esta ciencia, realizó estudios en varias áreas, pudiendo así afirmar que la *Ontopsicología* es una ciencia interdisciplinaria y epistémica, y suma conocimientos de áreas como las que podemos verificar en este trabajo: El Psicoanálisis, según Sigmund Freud, *Psicología Analítica*, según Carl Gustav Jung y *Psicología Individual*, según Alfred Adler. Es de gran importancia que entendamos que conceptos anteriores al autor fueron validados y que podamos entender su trascendencia dentro de la *Ciência Ontopsicológica*.

**Palabras clave:** *Ontopsicología*; Psicoanálisis; *Psicología Analítica*; *Psicología individual*.

## 1 Autores estudados e seus conceitos

O presente trabalho intitulado: “De Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler à Antonio Meneghetti: estudo sobre conceitos presentes na *Ciência Ontopsicológica*”, trata como temática da análise desses conceitos que alicerçam a edificação da *Ciência Ontopsicológica*, levando em consideração pontos de semelhança e pontos de distinção, isso é, de apropriação e reapropriação destes bem como a convalidação de conceitos, buscando evidenciar o seu emprego na estrutura do conhecimento da *Ciência Ontopsicológica*.

Nossa problemática de pesquisa foi a de “qual a significância de conceitos de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler que foram apropriados, reapropriados ou convalidados pela *Ontopsicologia*?”.

Sendo nosso objetivo geral o de explicitar conceitos, originalmente em suas bases, que passaram por apropriação, reapropriação ou convalidação para seu uso na *Ontopsicologia*.

Para objetivos específicos trabalhamos com: apresentar a *Psicanálise* de Sigmund Freud e conceitos estudados; apresentar a *Psicologia Analítica* de Carl Gustav Jung e conceitos estudados; apresentar a *Psicologia Individual* de Alfred Adler e conceitos estudados; apresentar

a *Ciência Ontopsicológica*; evidenciar o uso destes conceitos na *Ontopsicologia* e sua significância.

A motivação científica está na busca por explicar as origens da *Ciência Ontopsicológica* e como ela evoluiu se comparada a outras ciências em sentido de apropriação, reapropriação e convalidação de conceitos.

Para o presente trabalho realizamos uma pesquisa, propondo o estudo sobre conceitos psicanalíticos, da *psicologia individual* e da *psicologia analítica* e, assim, podendo evidenciar a distinção ou similaridade com conceitos da *Ciência Ontopsicológica* por meio de um estudo bibliográfico, dando base a uma pesquisa bibliográfica minuciosa em livros do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti bem como de outros autores como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler, entre outros.

Para uma compreensão das análises realizadas neste estudo faremos na sequência, uma breve apresentação dos autores e, conceitos por eles abordados.

No dicionário Etimológico resumido encontramos a seguinte revisão etimológica de *Psicanálise*: do grego *psyché* “alma” e análise é um campo clínico de investigação da psique humana independente da *psicologia*.

Segundo Plon e Roudinesco (1998, p. 603) o termo psicanálise foi criado por Sigmund Freud em 1896 para “nomear um método particular de psicoterapia\* (ou tratamento pela fala) e pautado na exploração do inconsciente, com a utilização da associação livre e da interpretação desta por parte do psicanalista”.

A psicanálise surgiu em 1883-1885, com os Estudos Sobre a Histeria de Sigmund Freud e Josef Breuer e foi usada como técnica para tratar pessoas com traumas, envolvidas pela Primeira Guerra e a neurose ocasionada por ela.

Sigmund Freud, considerado como “Pai da Psicanálise”, formado em medicina pela Universidade de Viena em 1881, também possuía a formação de especialista em psiquiatria e neurologia. Em casos clínicos Freud confrontou pacientes com limitações relacionadas à problemas nervosos, os quais a medicina tradicional não conseguia tratar.

Freud conheceu Josef Breuer em 1880 que lhe prestou grande auxílio. Realizou, em 1885, um estágio junto a Jean-Martin Charcot, médico e cientista (PERRON, 1991).

Ao retornar para Viena em 1886, buscou unir seus estudos com os de Josef Breuer que, fazendo com que seus pacientes descrevessem suas fantasias e alucinações, conseguia reduzir os sintomas da doença mental. Definiram como método catártico o tratamento que liberava de afetos e emoções de eventos traumáticos, do passado, com revisitações nos ocorridos do passado, assim obtendo o desaparecimento de sintomas e, em 1893-1895, publicaram em conjunto a obra Estudos sobre a histeria.

Em 1886, Sigmund Freud utilizou a primeira vez do termo “Psicanálise”. O grande foco de estudo de Freud sempre foi o de relação de me-

mórias com origens sexuais na infância e, desse modo, divergindo de Breuer, situação que o fez romper laços com Breuer.

Freud nomeou o método da associação livre que, nunca foi abandonado pelo psicanalista pois, o sujeito trazia para a conversa todos seus conteúdos sem que houvesse qualquer julgamento e, para que fossem analisados e interpretados por Freud, enquanto ele se usava de atenção flutuante para relacionar falas com conteúdos inconscientes daquele paciente, fazendo uma análise completa.

Para Sigmund Freud, o inconsciente seria constituído de pulsões e desejos que, quando reprimidos, poderiam gerar efeitos nocivos à saúde psíquica ou, como chamava, neurose.

Ele desenvolveu, considerando esta afirmação, um método para a cura dessas neuroses através da fala, analisando o sujeito, buscando a origem dessa desordem ou problema psíquico. Para ele, deixar o inconsciente falar era o modo mais eficiente para que se pudesse superar os traumas e curar as desordens.

Freud inicialmente, através do Modelo Topográfico, descrito como sua Primeira Tópica, construída pela análise do sonho e da histeria, realizou a separação do aparelho psíquico do seguinte modo: o inconsciente seria aquele que, seria prototípico pelo reprimido e poderia se apresentar de dois modos, o latente que é capaz de consciência e aquele que é reprimido, que não é capaz de consciência; esse que é latente, descrito também como inconsciente e não sendo em sentido dinâmico podemos denominar pré-consciente. O inconsciente seria àquele reprimido também dinamicamente inconsciente (FREUD, 2011).

Aprofundando um pouco mais, o conscien-

te receberia informações tanto internas quanto externas, não sendo capaz de armazenar memórias e registrando as informações pelo prazer ou desprazer que implicavam; já o pré-consciente seria capaz de armazenar pequenos registros e funcionaria como um filtro do que passaria do inconsciente ao consciente; e o inconsciente seria aquele local onde ficariam as pulsões e tudo relacionado a elas como energias. Serve como o armazenamento de todas as repressões também secundárias.

Após formalizado o estudo sobre a Primeira Tópica, Freud ainda identificava que a questão de diferenciação entre o inconsciente e o consciente eram uma questão de percepção e, que, poderia ser negligenciada a distinção entre os dois, e identificou elas como insuficientes (FREUD, 2011).

A segunda tópica foi necessária para que se pudesse incluir a pulsão de morte na estrutura anímica, como a compulsão da repetição e, assim, poder localizar onde as resistências surgiam. Iniciando o estudo dessa tópica temos o Id/Isso que também é chamado por Freud de um algo psíquico, sendo para nós um irreconhecido e inconsciente onde se localiza o Eu em sua superfície e, em seu núcleo desenvolvido com base naquele sistema perceptível (FREUD, 2011). Seria assim constituído por pulsões e, considerado o constituinte psíquico e biológico da personalidade. É comandado pelo princípio de prazer e conversa com o Ego sobre o exterior e Superego no que foi introjetado; trazendo sobre o Eu, é importante destacar que este não envolve inteiramente o Id (FREUD, 2011).

Seguindo, temos o Eu/Ego que, representa a razão e circunspeção. O Eu normalmente possui o controle de acessos à motilidade. É tam-

bém, corporal não sendo somente superficial mas é a projetividade de superfície (FREUD, 2011). Ainda possuindo raízes no inconsciente, o ego é a origem dos mecanismos de defesa, enquanto é desenvolvido pelo Id, para realizar a mediação com a realidade externa. Faz o armazenamento das angústias, símbolos e outros aspectos que se encontram inconscientes; Superego/SuperEu: as vivências daquele Eu que se repetem com frequência, mesmo parecendo perdidas na herança, se transformam assim em vivências do Id e esse, guarda os resíduos daquelas existências de Eu e, quando o Eu cria o Superego através do Id, pode fazer assim evidenciar formas anteriores de Eu (FREUD, 2011). O superego é assim, o responsável por armazenar todas aquelas informações interiorizadas de criança, juntamente com as identificações. Pode registrar todas as ameaças, promessas, valores, limitações, dentre outros conteúdos e, segundo Freud, quem garantiria a vida normatizada das pessoas.

O pai da Psicanálise analisou e destacou que, o corpo da criança, sua experiência com ele seria grande influenciadora no seu processo de maturação e assim exercendo efeitos sobre a psique. Considerava as experiências de frustrações que se repetiam, de modos diferentes, durante a infância, como fator mais significativo no desenvolvimento do sentido da realidade.

Freud ainda considerava a projeção como um mecanismo de defesa, em que o sujeito atribuiria qualidades e defeitos a outra pessoa mas, na verdade, essas qualidades e defeitos seriam pertencentes à sua própria personalidade e que projetamos no outro. Esse termo será estudado por sua convalidação pela Ciência Ontopsicológica.

Sendo assim, os conceitos de id, ego, superego e projeção serão os conceitos estudados que foram convalidados da psicanálise pela Ontopsicologia.

O segundo autor estudado foi, Carl Gustav Jung, nascido em Kesswil, na Suíça, mudou-se muito jovem para Basileia onde, mais tarde, veio a formar-se em medicina. Após concluir seu curso começou a trabalhar na Clínica Bugholzi, em Zurique, sendo assistente de Eugen Bleuler, que foi o psiquiatra que primeiro descreveu a esquizofrenia.

Jung era muito interessado pelo estudo do inconsciente e por este motivo entrou em contato com Sigmund Freud, através de carta e, houve uma grande troca de correspondência pelos dois. O primeiro encontro de Sigmund Freud e Jung ocorreu em 17 de fevereiro de 1907, onde, durante 13 horas estiveram juntos e firmaram amizade.

Após 1912, os dois começaram a ter diversas divergências de teorias pois, Freud não admitia o interesse de Jung em fenômenos espirituais e Jung afirmava que a libido deveria ser considerada como a totalidade de energia psíquica do indivíduo. Considerando as discordâncias, eles resolveram separar-se e assim Jung se afastou do movimento psicanalítico.

Trazendo Carl Gustav Jung, importante que destaquemos o termo de terapia individual enquanto traz à tona uma contraposição da psicologia: “o individual não importa perante o genérico, e o genérico não importa perante o individual” (JUNG, 1985, p. 3) e, trabalha ela de um modo distinto ao ponto que afirma: “Como é sabido não existe um elefante genérico; apenas elefantes individuais. Mas, se o genérico não existisse, e houvesse uma constante

multiplicidade de elefantes, um elefante único e individual seria extremamente inverossímil” (JUNG, 1985, p. 3).

Considerando a terapia individual, Carl Gustav Jung se coloca como o primeiro a levantar a exigência da análise do próprio analista. Jung descreve que, a análise do analista seria importante enquanto o mesmo trabalha com a dialética e, ao se relacionar com outro sistema psíquico seria necessário a fala e compreensão igualmente.

Jung (1964), coloca que a criança, é um, integral, um todo antes que seu ego apareça conscientemente. Já àquele adulto, pode alcançar a sua integridade unindo conteúdos conscientes, mas, também inconscientes de sua mente, o que é chamado de “função transcendente da psique”, que consente ao homem a plena realização de suas potencialidades, de seu *self* ou até mesmo, ser.

Com estes estudos de Jung, foi possível entendermos também, segundo Marie-louise Von Franz (1964), que, a sombra é importante no estudo do inconsciente enquanto que, não representa o todo da personalidade inconsciente mas, que representa qualidades e atributos não acessados, não conhecidos ou pouco conhecidos pelo ego. Esses pertencem àquela esfera pessoal e poderiam ser conscientes. Sendo assim, quando a pessoa tenta acessar a sombra, ela fica consciente e inclusive, envergonhada por essas tendências e impulso que nega em si.

Ao ponto que se observa no outros as próprias tendências inconscientes, estamos fazendo projeção segundo Marie-louise Von Franz (1964).

O conceito de *anima* também foi estudado por Jung e este representaria na psique do ho-

mem, segundo Marie-louise Von Franz (1964) aquela personificação de tendências psicológicas femininas, enquanto que animus seria o contrário, seria a personificação masculina daquele inconsciente na mulher, podendo apresentar aspectos positivos ou negativos.

A importante distinção para Jung (2000) de inconsciente pessoal e inconsciente impessoal ou suprapessoal ou coletivo está em que, o pessoal contém lembranças, que foram perdidas ou até mesmo reprimidas de forma proposital, percepções que não ultrapassam a consciência e ainda não amadureceram para adentrarem à consciência, correspondendo assim à sombra. Já àquele inconsciente coletivo, é desligado do pessoal e pode ser assim universal e, seus conteúdos podem assim serem encontrados em todas as partes.

Ele, de nome a sua teoria, sendo ela, a psicologia analítica onde seria fundamental para o desenvolvimento do homem o processo de autorrealização e alcance da individualidade.

Jung (2000), realizou seu estudo também sobre as camadas mais profundas do inconsciente e essas, portavam imagens humanas universais e também originárias. Segundo ele, seriam resultados de milhares de vivências de gerações que formariam assim o inconsciente coletivo. Dividiremos os arquétipos em: *Persona* – como o homem se apresentaria para a sociedade, seu papel; *Sombra* – aspectos de sua personalidade que não conhecemos, virtudes, defeitos; *Anima* – todos os homens possuem aspectos femininos e, anima seriam esses aspectos constituintes de sua personalidade; *Animus* – todas as mulheres possuem aspectos masculinos e seriam esses aspectos constituintes de sua personalidade; *Grande Mãe* – fruto de experiências de ances-

trais é imitar os aspectos positivos e negativos pelos filhos acerca da mãe. Engloba assim, aspectos positivos (fertilidade e nutrição) e negativos (poder e destruição) da condição materna que é provedora e destruidora; *Self*: diz respeito ao autoconhecimento, compreensão do sentido de vida/morte.

Podemos compreender a arquétipo como “a imagem, carregada com o dinamismo, que não podemos atribuir a um ser humano individual. [...] O poder do arquétipo não é controlado por nós; nós é que estamos à disposição dele num grau que nem suspeitamos” (JUNG, 1971, pp. 305-306).

Ainda, um estudo importante de Jung foi o de complexo que, para ele, seria um conjunto de estruturas ou padrões de organização da psique pessoal fundamentais para nosso desenvolvimento. A função mais importante dos complexos é integrar ou organizar nossas vivências fornecendo referência e repertório de ações ao Ego.

Assim, os conceitos estudados por este trabalho são arquétipos, complexos e inconsciente individual.

Outro autor que destacamos neste estudo é Alfred Adler, a psicologia individual e conceito estudado.

Alfred Adler, segundo Friedrich (2022), ou como sempre chamado Adler, foi um médico e psicólogo austríaco, nascido em Viena, sendo o segundo de seis filhos e, debilitado pelo raquitismo infantil, era sempre protegido pelo pai e rejeitado pela mãe.

Iniciou sua carreira como oftalmologista e após passou para a clínica geral, com consultório privado.

Juntamente com Sigmund Freud, Alfred Adler realizou pesquisas no campo da psicaná-

lise e, em primeiro momento, posicionando-se a favor da teoria de Freud. Adler, experimentando-se da teoria de Freud modificou-os pois acreditava que duas pessoas não poderiam se usar dos mesmos métodos em contato com seres humanos.

Convidado por Sigmund Freud (Sigmund também era o nome de seu irmão ao qual tinha ciúmes), fez parte da fundação das reuniões da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras que, posteriormente, foi modelo para as sociedades posteriormente reunidas. Adler no entanto “queria e estava disposto a aprender, mas entendia que o que aprendia, o assimilaria a seu próprio modo de pensar e o usaria como um elemento em seu trabalho independente” (FURTMÜLLER, 1968, p. 296).

Em 1906, ao apresentar uma palestra a respeito da base orgânica das neuroses ficou evidente o movimento de sua dissidência na Sociedade das Quartas-Feiras (HANDLBAUER, 2000, p. 45), que em 1907 deu origem ao livro *Studie über Minderwertigkeit von Organen* (Estudo sobre a inferioridade dos órgãos).

Mesmo com as diferenças de teorias, essas foram toleradas pelo grupo porém em 1911, Freud escreveu uma carta para Adler, “anunciando que já não podia mais ser responsável da edição juntamente com Adler, assim ele teria que escolher entre ambos” (FURTMÜLLER, 1968, p. 300). Assim, Adler renunciou ao seu cargo de editor e presidente na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Após o ocorrido, Freud levantou na reunião da Sociedade das Quartas-Feiras que os membros de qualquer sociedade fundada por Adler eram incompatíveis com membros de seu grupo e assim, nove membros agradeceram pelo que

havia aprendido e abandonaram as reuniões e uniram-se à Adler.

Seguindo a análise é importante ressaltar que em 1911 Alfred Adler fundou a “Sociedade Psicanalista Livre” e que um ano mais tarde, em 1912 passou a ser chamada de “Sociedade de Psicologia Individual” pois, “Freud insistia em que o termo psicanálise devia ser reservado exclusivamente para as verdades e os erros que ele apoiava pessoalmente” (FURTMÜLLER, 1968, p. 318), levando sempre como escopo o falar no individual visto que para o autor, os fatores sociais não impactam a todos da mesma forma.

Podemos contribuir que, para Adler essa psicologia “se referia a personalidade e que não via apenas as diferentes ações e ideias do indivíduo como causa de poderes psíquicos isolados, ou motivados de experiências isoladas, mas, também, que via diferenças ou a unidade em relação com o todo no retrato psicológico do indivíduo” (LEAL; MASSIMI, 2017, p. 806). Adler não levava em consideração em sua análise o inconsciente do paciente.

Houveram discordâncias sobre o nome psicologia individual pois a mesma não referia-se ao homem sendo entendido de modo isolado e, inclusive, colocava que a vida social do homem antecederia a sua vida individual. Para Adler, o sistema da Psicologia Individual e seu método seriam o de [...] considerar o procedimento humano e compreendê-lo como se um sistema, uma constelação de relações se tivesse produzido sob a influência do esforço para alcançar-se a meta visada, na base das potencialidades herdadas, do organismo (ADLER, 1957, p. 81).

Adler colocava-nos que, o alvo pelo qual tenderiam todos atos do humano seriam deter-

minados por influências recebidas já na infância. Assim, estruturou um estudo sobre a ordem de nascimento e sua importância para a formação da personalidade e, ainda, considerava um ponto crucial no entendimento de neuroses e psicoses. Em seu estudo o enfoque estava voltado ao filho primogênito, segundo filho e o caçula, como nos escreve o *blog Visus* (2018), e entendia-os como: a) Filho Primogênito: o filho que recebia muita atenção até o nascimento do irmão. Segundo ele, o primogênito seria neurótico, pois, por muitos anos não havia precisado compartilhar seus pais e após nasceria o outro para roubar o seu postulado; b) O segundo filho, ou também filho do meio, seria o ambicioso. Ele precisa superar aquele mais velho e tende a ser mais invejoso e rebelde, porém mais estruturado que o primogênito e caçula; c) O caçula: o filho mimado. Depois do primogênito, seria o que mais teria possibilidade de tornar-se uma criança problema e até neurótico.

O conceito analisado de Alfred Adler será o de ordem de nascimento.

Apresentamos a seguir Antonio Meneghetti e a Ciência Ontopsicológica.

Em busca de responder o problema crítico do conhecimento levantado por muitas linhas de estudo, ciências e correntes filosóficas a Ontopsicologia parte do questionamento antes existencial e agora dá passagens de conhecimento teórico-práticas sobre a premissa: O homem é capaz de conhecer o que é o real?

A Ontopsicologia, ciência que tem como seu formalizador o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti<sup>4</sup>, baseia-se na busca do real, em co-

<sup>4</sup> Um grande cientista, músico, artista. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti era, sobretudo, um grande estudioso acerca do humano, um apaixonado pela psique, um humanista capaz de direcionar os estudos acerca de

lher através da ciência a essência do real projeto de cada homem.

Para compreendermos o ponto inicial da Ciência Ontopsicológica, precisamos compreender qual a busca primeira dessa ciência através de afirmações de seu formalizador: “a Ontopsicologia nasce de uma tomada de consciência sobre o estado de confusão de toda a pesquisa feita por milênios na história humana” (MENEGETTI, 2010).

Considerando seu método bilógico pode-se afirmar que a Ontopsicologia se utiliza do sistema de conhecimento 1) Indutivo e 2) Dedutivo no qual, indutivo é aquele que a partir de casos conhecidos chega-se a um projeto geral e indutivo enquanto elementos já demonstrados e, ainda, nos traz a novidade do 3) Intuitivo, aliado às três descobertas da Ontopsicologia: campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão.

Como ciência a Ontopsicologia possui um objeto de estudo que é a atividade psíquica, ou seja, “toda a experiência psicológica humana, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la” (MENEGETTI, 2010, p. 131). Utiliza-se da atividade psíquica enquanto o “númeno”, a alma, o informal que forma cada formal. “É transcendente, invisível e revela-se somente sob os efeitos” (MENEGETTI, 2010, p. 131).

O fim da Ontopsicologia busca reportar a lógica do Eu à lógica do Em si ôntico para consentir realização, ou seja, reportar a lógica da consciência àquela lógica do Em Si ôntico.

---

intencionalidade psíquica e da existência. Antonio Meneghetti, alicerçado pelos conhecimentos já precitados formalizou a Ontopsicologia como a ciência que busca reportar o homem àquela lógica da vida, lógica vencedora.



O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti em seu livro *Imagem e Inconsciente* expõe sobre convalidações de conceitos de outras áreas de estudo.

Iniciaremos a análise com os conceitos que são convalidados de Sigmund Freud sendo: Id, Ego, Superego e projeção entendendo o seu significado na Psicanálise e também na Ciência Ontopsicológica enquanto são conceitos importantes para edificação da Ciência Ontopsicológica. Quando trata sobre Sigmund Freud, Antonio Meneghetti expõe que “permanecem convalidados os princípios freudianos de Id, Ego, Superego [...] projeção [...]” (MENEGHETTI, 2012b, pp. 19-20).

Seguindo a análise, traremos conceitos junguianos dos quais também houve a convalidação que são: arquétipos, complexos e inconsciente individual enquanto esses, assim como os conceitos freudianos, além de importantes, são constituintes da estruturação da personalidade do homem. Sobre conceitos Junguianos, Antonio Meneghetti expõe que “permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual [...]” (MENEGHETTI, 2012b, p. 20).

Finalizando, falaremos do conceito adleriano de ordem de nascimento. Sobre conceitos de Alfred Adler temos a convalidação também “dos princípios de vontade de potência ou aspiração à superioridade, sentimento de inferioridade e compensação, interesse social, estilo de vida, *self* criativo, ordem de nascimento e experiências relativas à infância e personalidade” (MENEGHETTI, 2012b, p. 20).

É importante destacarmos que, mesmo de conceitos convalidados houve, em certo ponto a apropriação e reapropriação de sentido de cada

conceito, para que assim, fosse possível através de um conceito já antes estudado e citado criar uma significância para o mesmo dentro da Ciência Ontopsicológica.

Para essa análise, consideraremos: conceito original, descrição, conceito ontopsicológico, descrição, distinção e semelhança do conceito.

### *Porque apropriação, reapropriação e convalidação*

É importante estabelecer a diferença entre apropriação e reapropriação em sentido de compreensão, sendo que apropriação podemos esclarecer como adaptação de um termo já existente, diferenciando-se, portanto, de reapropriação que substitui o sentido de um termo existente, utiliza-se de conceitos já estudados para dar um novo significado a eles, estabelecendo a diferença entre significado e conseqüentemente entre as ciências de qual se originaram.

Ainda trabalharemos com conceitos convalidados, entendendo como mesmo sendo usados a partir de uma significação idêntica, podem formalizar conhecimentos distintos.

## **2 Ontopsicologia e análises de conceitos**

Para que possamos realizar esse estudo será imprescindível abordarmos juntamente o estudo sobre o Inconsciente, definindo brevemente também o Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão.

Para a análise sobre o termo Inconsciente utilizado na Ontopsicologia nós usaremos o Dicionário de Ontopsicologia, onde iniciamos com a etimologia da palavra sendo: *Lat: Inconsciis* = insciente, não saber. Dando seqüência temos

“O inconsciente é o quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, do qual não temos qualquer reflexão consciente; é uma parte da vida e da inteligência do homem” (MENEGETTI, 2012a, pp. 135-136).

Precisamos entender o inconsciente não como uma tenebrosidade, ou até mesmo diabólico mas, é uma ordem perfeita de vida, são aquelas informações provenientes do ambiente e assim, é também uma projeção estabelecida na história que nos faz ver apenas uma parte de nós mas que, não foi determinado pela natureza (MENEGETTI, 2017). Partindo da premissa que, o inconsciente seria o não sabido ao homem, seria assim possível colher sua lógica de operatividade? A Ontopsicologia, em práxis clínica e de autenticação “é uma ciência que está em condições de colher o critério-base do inconsciente, do qual se apreendem os módulos de realização do sujeito. O Em Si ôntico, na sua genialidade, tem sempre o design do sucesso e da autoconstrução vencedora para o sujeito” (MENEGETTI, 2012a, p. 136).

Ainda, segundo Antonio Meneghetti (2017), à medida que se acessa o inconsciente, o indivíduo tem acesso ao critério absoluto de verdade e, assim, pode ter a experiência da autorrealização. Para que tenha acesso ao inconsciente, é indispensável a metanoia contínua, pois, ele se revela de todos os modos que a existência nos toca.

Meneghetti ainda coloca que é possível recuperar o inconsciente e este se dá através “da proprioceptividade, iniciando a recuperar o tônus visceral, os impulsos do útero e do estômago, as variações dos genitais, as alterações epidérmicas” (MENEGETTI, 2017, p. 408).

“A cura era possível, em todos os casos, so-

mente se conhecesse o critério portante da natureza: deveria identificá-lo, isolá-lo e utilizá-lo” (MENEGETTI, 2010, p. 121).

Foi então que nomeou esse critério como Em Si ôntico e destaca que descobre no *background* do inconsciente que “não existia a vida e a morte, porque estas são consequentes, mas existia um princípio, um critério vivente e transcendente. ‘Transcendente’ no sentido que estava naquele sujeito, mas contemporaneamente não estava. Esse princípio é o Em Si ôntico” (MENEGETTI, 2010, p. 121).

Ainda, Antonio Meneghetti colocou que seria possível a identificação do Em Si ôntico, através de 15 (quinze) características<sup>5</sup> definidas por ele. Com o estudo deste critério ôntico abriram-se novos estudos em conjunto, do campo semântico e monitor de deflexão.

O autor nos define o monitor de deflexão como “outro princípio que falava, ditava leis. [...] esse outro princípio falava, dizia que algumas coisas se podiam fazer e outras não, por uma série de razões etc., e possuía uma linguística e uma jurisprudência próprias. Possuía uma categoria própria (e decálogos próprios) [...]” (MENEGETTI, 2010, p. 123).

Foi então descoberto que, na verdade, o monitor de deflexão não tinha nenhuma relação com aquele princípio simples da vida, mas, que era algo alheio. Através de ditados do mesmo não seria possível colher resultados positivos como por exemplo, através de Em Si ôntico.

<sup>5</sup> Inseico, holístico-dinâmico, utilitarista-funcional, virtual, econômico hierárquico, vencedor, alegre, criativo, espiritual ou transcendente, agente no interior de um universo semântico, mediânico entre o ser e a existência histórica, histórico, estético, volitivo-intencional e santo. Para aprofundamentos, consultar MENEGETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. pp. 160-161.

Foi assim que, através do campo semântico que foi possível essa identificação. O campo semântico foi a primeira das três descobertas, sendo “uma das linhas de comunicação à distância, preferencial sobre outros sujeitos similares, e isso não deve parecer um fato estranho ou espantoso. Existe uma transrecepção, uma comunicação entre similares” (MENEGETTI, 2010, p. 125).

Sobre o campo semântico é importante destacarmos que pode transportar Em Si ôntico mas, também o monitor de deflexão e se difere por resultados. Ele é considerado “negativo” quando diminui o homem e sua obra, o seu potencial e também a sua inteligência (MENEGETTI, 2010).

O campo semântico possui três modos<sup>6</sup>, sendo eles: campo semântico biológico, campo semântico psicológico e campo semântico in-telectivo.

Deste modo, o autor nos coloca que, através da psicoterapia ontopsicológica seria possível colher a lógica vencedora do sujeito, ou seja, seu Em Si ôntico e deste modo compreender as dinâmicas inconscientes para que o mesmo, possa assim, recuperar totalmente o quântico de inteligência que é e vive, ou seja realizar a autenticação.

Ainda, a autenticação “significa recolocar o espelho da consciência em sincronismo com o indicador do próprio Em Si ôntico. Para o Em Si ôntico, tudo o que é registrado como iso, como igual, é vital, é nutritivo; enquanto tudo o que não é igual, é negativo” (MENEGETTI, 2010, p. 125).

<sup>6</sup> Para aprofundamentos, consultar MENEGETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. pp. 188-189.

Meneghetti (2010), ao abordar como nasceu a Ontopsicologia apresenta uma análise da falência das ciências no que tange os aspectos religioso, histórico, social afetivo e de relação. Agrega nas suas considerações a análise do inconsciente, ressaltando que “Chega-se a essa análise depois da descoberta desta grande força – o inconsciente – que, porém, não se entende quais ordens segue” (MENEGETTI, 2010, pp. 119-120).

Agora, fundamentado o inconsciente para Antonio Meneghetti iniciaremos o estudo sobre o conceito Id/Isso.

O termo Id/Isso é usado por Antonio Meneghetti para definir o Em Si. Em uma passagem, no livro *O Monitor de Deflexão* (2017), quando trata sobre o processo psicoterápico ele descreve que, nenhum paciente diz a verdade, e mesmo quando ele parece colaborar se trata de fingimento ou mecanismo de defesa que, consequentemente obstrui a verdade do Em Si (ou Id).

Segundo Meneghetti (2010), o Em Si é o gerador contínuo, aquela pulsão, a exceção do ser na existência que se atua historicamente e se formaliza através do Eu a priori, que é a reflexão última entre Em Si ôntico e a história. Mesmo sendo evento único se dá em três momentos dialéticos: Em Si – Eu a priori – Eu lógico-histórico. Ainda por Meneghetti, é o Em Si que dá a discriminante de ser ou não-ser, enquanto que o Eu a priori dá o otimal e o Eu lógico-histórico dá assim o fato existencial.

Nessa etapa, devemos destacar que existe o monitor de deflexão e que esse “entra em movimento automático tão logo o Em Si gere e tipifique-se em Eu. A sua ação anula a reflexão do Eu a priori. [...] A essência do inconsciente cor-

responde ao Em Si do homem” (MENEGETTI, 2010, p. 211).

Pode-se ainda afirmar, segundo Meneghetti (2010) que, o primeiro real do indivíduo, em, qualquer sentido é o Em Si e este pode ser especificado em diversos modos: ôntico, do homem, organísmico, naturístico, dependendo das relações do mesmo que queremos entender.

Temos então, as seguintes diferenciações de Em Si em:

- a) Em Si ôntico: entende-se um modo genérico, universal, o Em Si de qualquer forma existencial (planta, anjo, animal etc.). O atributo ôntico especifica o seu pertencimento ao ser.
- b) O Em Si do homem: define um Em Si ôntico segundo a modalidade homem, ou seja, a constante H. A constante H é a forma que especifica e define a individuação homem; é um modelo ou princípio que dá a constante existencial distintiva do humano.
- c) Em Si organísmico: compreende o aspecto biológico e psicológico, é a experiência psicoemotiva que advertimos também como consciência na fenomenologia da nossa vitalidade.
- d) Em Si naturístico: é o total do Em Si organísmico no holístico ambiental. É o feixe dos instintos positivos, desejos totais e inocentes, finalizados exclusivamente em uma forma de narcisismo e prazer no fato de existir (MENEGETTI, 2010, pp. 211-212).

Deste modo, podemos definir que, para Antonio Meneghetti mesmo tratando-se de um só projeto de natureza, o Em Si pode ter variações para que melhor possamos caracterizá-lo.

Quanto ao conceito de Ego/Eu encontramos que a “Estrutura lógica ou agente do indivíduo, tal que, uma vez posta essa relação, é o ponto de partida e de referência para tudo. [...] A parte psíquica exposta capaz de reflexão voluntarismo livre para agir ou não agir” (MENEGETTI, 2012a, p. 103). O Eu pode caracterizar-se como:

a) Eu a priori: a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico, portanto, é a configuração da solução ótima do indivíduo em ambiente, aqui e agora. E a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação.

b) Eu lógico-histórico: o Eu que, de fato, escolhe e define seja em positivo, seja em negativo.

c) Eu fictício: Eu não autêntico, não operador de realidade segundo a pulsão do Em Si, portanto, estruturado segundo o complexo, ou a projeção dos outros.

d) Eu Sou: a consciência ôntica (MENEGETTI, 2012a, pp. 103-104).

É importante que não entendamos o Eu como a forma consciente pois, na zona consciente do Eu existem também os mecanismos de defesa, as zonas do pré-consciente, do subconsciente; assim, o eu trata-se de um sistema que o momento mais aparente denomina-se consciência, que exprime o passado do Eu (MENEGETTI, 2015b). Antonio Meneghetti (2015) nos coloca que o Eu é determinado por três instâncias<sup>7</sup>, três precipitações sendo: a) o tecido orgânico; b) o imediatismo de interação corpo-ambiente; c) a incidência diretiva organizada do social.

Assim, Meneghetti destaca que o Eu é o princípio de realidade de toda autoconservação do organismo. A sua função é a defesa em função da distinção real na qual é posto. Ao cumprir esse papel, o Eu desenvolve-se cada vez mais, pode realizar cada vez mais plenamente, em expansão. O Eu então é a estrutura que tem a capacidade de mediar a realidade externa ao organismo humano.

Ao discorrer sobre o superego temos que:

O superego é a realidade sempre em antecipação, com tudo o que é a esfera consciente do

<sup>7</sup> Para aprofundamentos, consultar MENEGETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. pp. 211-212.

Eu; é uma coação que já operou quando torna-se na consciência. É uma regulamentação, é uma estruturação, é uma informação daquela energia primária que gratuitamente é exposta pelo id orgânico do indivíduo (MENEGETTI, 2015b, p. 49).

Dadas estas premissas, é importante destacarmos os dois modos<sup>8</sup> de que a incidência social pode alcançar a intimidade, seja por comunicação semântica ou até mesmo através da mãe, manipulando o pequeno organismo enquanto o mesmo precisa de energia.

Assim, podemos definir o superego como um produto social que, consegue estruturar-se, suscitar-se na inseidade. É irrevogável que não ocorra pois, o social é um fato vital e, o homem não poderia sobreviver de outra forma pois, precisa ser gerado por um útero materno (MENEGETTI, 2015b).

O superego, deste modo, se gerido como colonização é de certo modo negativo mas, é também através dele que o pequeno pode aprender em poucos anos o que sozinho levaria muito tempo e, não se sabe se realmente aprenderia sozinho. *De per si* é vital. É a partir dele que a criança conhece o mundo todo.

“O superego sempre age em latência do Eu. O tipo de responsabilidade, o confronto de diversos parâmetros, o colocar as sensações em palavras, a necessidade de verbalizar-se para comunicar ao outro, a distinção entre sujeito e objeto” (MENEGETTI, 2015b, p. 52). Sobre o entendimento de Freud, Antonio Meneghetti nos coloca que, “o superego não é aquela simples introjeção da ética, da moral do pai e da mãe ou mesmo aquela simplicidade com que

entendia Freud: ele estrutura a modalidade do instinto e condiciona cada função energética da vida no homem civil” (MENEGETTI, 2015b, p. 52).

Os complexos nascem assim, segundo Meneghetti (2017), da interferência obsessiva desse corpo social. Essa interferência é capaz de colonizar, assim, as principais zonas perceptivas da interação de ambiente-indivíduo e assim pode, pré-formar ou deformar o sujeito que evolui em vantagem desse superego social. Podemos dizer que, o superego forma através de sua permissividade o todo.

O superego, segundo a grelha deformante, já é deste modo por uma culpa do sujeito

[...] por causa da própria pretensão infantil de gerir todo humano adulto ou, até mesmo, de poder acessar o poder dos modelos de máxima função através de uma fidelidade obstinada nos rudimentos morais, que foram indispensáveis para sobreviver na infância, cumpre-se uma culpa que é paga com a perda da meta (MENEGETTI, 2017, pp. 409-410).

Antonio Meneghetti nos coloca que a ontoterapia<sup>9</sup> se insere, através da permissividade do superego.

É importante descrevermos que é possível a evasão do superego “quando o indivíduo aferra a neutralidade do seu modo de ser, quando colhe a indiferença dos modos, a indiferença das cifras” (MENEGETTI, 2015b, p. 54).

Em relação ao conceito de projeção o autor argumenta que:

é ação em referência a, que, porém, modela-se a partir de quem projeta ou emana. Conhecer

<sup>8</sup> Para aprofundamentos, consultar MENEGETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. pp. 49-50.

<sup>9</sup> Para aprofundamentos sobre este processo, consultar MENEGETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b. pp. 53-54.

ou agir o outro à própria imagem semelhança. [...] Por como o sujeito é, assim vê. Em um certo sentido, cada um escolhe a realidade por como ele mesmo é, e não vice-versa (MENEGHETTI, 2012a, p. 214).

Antonio Meneghetti nos coloca que, a projeção tem uma função temática e seletiva, ou seja, cada um de nós, entre várias possibilidades colhe aquela preferencial, o nosso comportamento responsável projeta uma exigência em modo unidiretivo, negligenciando todo o resto. Assim temos a projeção onde, “O real existe, mas o indivíduo o vê, exclusivamente, do lugar no qual ele existe. A realidade é indiferente ao modo em que o arquiteto faz a projeção; a coisa é indiferente a como o sujeito a descreve” (MENEGHETTI, 2012a, p. 215).

A projeção, na Ontopsicologia, é considerada um mecanismo de defesa. Temos como principais mecanismos de defesa que o Eu recorre: supressão, compensação, racionalização, projeção, e abdicação.

Ainda, no Manual de Ontopsicologia encontramos a seguinte correlação de como o mecanismo de defesa projeção pois, quando age “o nosso comportamento responsável projeta uma exigência em modo unidirecional, descuidando todo o restante: descarrega si mesmo objetivando-se no externo e sobre o outro, falsificando a concreta identidade de si mesmo” (MENEGHETTI, 2010, p. 218).

É importante destacarmos que, para Meneghetti os modos de defesa são “em si, são neutros, servem para proteger a vida com uma provisória adaptação quando não é possível a ação metabólica segundo a forma apriórica, e são operados conscientemente” (MENEGHETTI, 2010, p. 219). Assim, podemos compreen-

der que a medida que “tornam-se mecanismos, portanto, automatismos que fogem ao controle da consciência e, em seguida, tornados estáveis, são colocados a serviço do Eu fictício; são estereótipos dos complexos, ou seja, de toda a estrutura psicológica originada pelo monitor de deflexão” (MENEGHETTI, 2010, p. 219).

Iniciando o percurso do estudo de arquétipo, para Antonio Meneghetti devemos destacar a passagem do dicionário de Ontopsicologia: “estrutura lógica que se põe ou faz-se princípio aos sucessivos e dependentes processos lógicos no universo das imagens” (MENEGHETTI, 2012a, p. 25). O autor também destaca que:

No âmbito da feminilidade existem algumas imagens clássicas recorrentes. Trata-se, em particular, de três tipologias de arquétipos ativos dentro da psicologia negativa feminina. Não dizem respeito às mulheres comuns, mas mulheres com um certo tipo de inteligência [...]. As três formas que frequentemente aparecem nos modos mentais, nas fixações, em alguns sonhos da psicologia feminina são: a mulher velada, a Lilith, a velha (MENEGHETTI, 2013, p. 89).

Dando início a análise falaremos sobre a mulher velada que, é uma forma que aparece no estado de semivigília, como “uma forma de sabedoria, uma mestra de vida, uma espécie de freira universal – a qual diz à mulher determinadas coisas cujo subcódigo constante é: ‘É inútil!’ . Diz algumas frases, como verdades absolutas, que são somente opiniões de psicologia negativa” (MENEGHETTI, 2013, pp. 89-90).

Na sequência o autor nos coloca sobre a Lilith, sendo a “Lilith é a lemanjá da cultura brasileira, a anti-Eva, a mulher sempre ao ataque, feminista ou antimachista sob todos os pontos de vista. Essa forma introduz na mulher a cons-

tante da agressividade [...] Lilith parte sempre para o ataque contra o homem, seja como for” (MENEGETTI, 2013, p. 90).

O autor ainda nos coloca em relação a tipologia da Lilith que, “é uma forma de eterna rebelião contra todo o mundo masculino enquanto tal. Aparece nos sonhos sob a forma de freira, de mulher velada, com os cabelos ruivos, forte, irremovível. Representa a desforra, a vingança da feminilidade contra o contexto masculino” (MENEGETTI, 2013, p. 91).

Para a finalização temos o terceiro arquétipo, o da velha que não diz respeito à idade da mulher mas, “é um princípio psicológico ativo, interno, de extrema psicologias negativa. A velha faz a jovem mulher viver em um estado psicológico tal, capaz de atuar precocemente morte e destruição. É a pior forma de todos os símbolos que têm a sua origem na história do mundo” (MENEGETTI, 2013, p. 93).

Assim se dá sua dinâmica: instrumentaliza a mulher para que esta seja criança inocente, indefesa ao entrar no jogo da vida que lhe é terrível. Sobre a origem deste arquétipo, Antonio Meneghetti expõe duas hipóteses: 1) Perturbação quase racial entre o machismo e o feminismo e, 2) a existência atual de civilizações desaparecidas.

“Primeiro se desencadeia a mulher velada, depois a Lilith; [...] O primeiro estereótipo é a consequência de ter arruinado uma graça, quando a vida deu à mulher a possibilidade de fazer relação com progressiva autóctise e, em vez disso, ela fez um extermínio” (MENEGETTI, 2013, p. 96).

Deste modo, Antonio Meneghetti nos coloca que os arquétipos agem “quando a mulher está em posição vencedora, de graça. A mulher

que não vive bem a sua graça, através dessas imagens encontra novamente um histerismo cerebral, no qual se ouve uma gargalhada e um barulho dentro da cabeça [...] arruinou o seu erotismo branco” (MENEGETTI, 2013, pp. 96-97). “A única possibilidade de salvação é dada pela recuperação, por parte do humano, do modo como o Ser o pôs” (MENEGETTI, 2013, p. 98).

Iniciaremos agora o estudo do conceito de complexo e, realizaremos conceituações importantes.

“O monitor de deflexão<sup>10</sup> (ou grelha de deformação) é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem” (MENEGETTI, 2010, p. 172). É um dispositivo psicodélico sobre o aspecto que age na imagem, sob a imagem.

A inserção do monitor de deflexão pode se dar de dois modos: diretamente sobre o sujeito ou indiretamente<sup>11</sup>.

Precisamos entender também, nesta etapa como ocorre a inserção do monitor de deflexão que, normalmente dá-se através de uma cena, denominada cena primária, enquanto ainda so-

<sup>10</sup> “‘Monitor’ é uma palavra que deriva do latim *moneo* que quer dizer ‘que sugere, que corrige, que censura, que notifica’. ‘Deflexão’ deriva do latim *deflecto*, que significa ‘desviar, mudar estrada, dirigir-se para outro lugar’” (MENEGETTI, 2010, p. 172).

<sup>11</sup> 1) Diretamente sobre o sujeito, através de estados oníricos, situações de transe, na ocasião de utilização de psicofármacos, alucinógenos ou drogas, visões hipnóticas, oblações místicas, estados rituais com forte perda de orientação racional. No momento da inserção o sujeito sofre um indeterminado fora de si;  
2) Indiretamente, o monitor se insere por transdução de campo semântico nas primeiras e fundamentais relações afetivas: pais, professor, parceiro etc. Esses atores-monitor fazem transfert do mecanismo em um sujeito afetivamente dependente, não por vontade consciente, mas por simples transfert compensativo – mas ocupacional – do outro (MENEGETTI, 2010, p. 173).

mos crianças, normalmente do nascimento aos seis anos.

Antonio Meneghetti coloca que “a situação em que se dá o primeiro sincronizar-se do monitor de deflexão à atividade cognitiva humana, constitui a ocasião (casual e não causal) sobre a qual se apoia e se forma a matriz reflexa, que é o traçado mnêmico dessa situação-ocasião” (MENEGETTI, 2010, p. 213).

“Matriz” enquanto realiza “imprinting e programa de todas as experiências sucessivas e da estrutura egóico-comportamental; ‘reflexa’ porque age de modo especular, ou seja, por indução de imagens. A matriz reflexa é a imagem individual primária através da qual se insere e se fixa o mecanismo do monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 213).

Podemos assim estabelecer o processo de formação da matriz reflexa que se forma por afetividade ótica, através de um “contato ocular de ódio chantageador entre o adulto-mãe e a criança em uma situação qualquer, com o reforço do campo semântico e da condenação do superego por parte do ambiente adulto. O pequeno, para ter a gratificação do adulto, é falso em relação à própria verdade” (MENEGETTI, 2010, p. 213).

“O complexo é o precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão: a imagem matriz, uma vez metabolizada cerebralmente, é investida emocionalmente pelo organismo” (MENEGETTI, 2010, p. 214).

Podemos dizer que o complexo “trata-se de atividade psíquica que deve ser individuada e especificada na obra mestra do Eu. Trata-se simplesmente de formalizá-lo, ou de egoicizá-lo, isto é, de assumir-se este quântico e de normalizá-lo segundo exigências de uma história

individuada eficiente” (MENEGETTI, 2012a, p. 51).

“O complexo é capaz de formalizar e enrijecer inclusive o Eu, portanto, torna-se o dominante mudo, a mente da mente. O indivíduo que é objeto dele, absolutiza inclusive a si mesmo, para que não se toque o complexo dominante” (MENEGETTI, 2011, p. 70).

É importante destacar que, uma vez que se evidencia o complexo, é preciso entender onde tem suas raízes, ramificações invisíveis. Não se deve atacar um grande complexo diretamente porque assim, pode-se quebrar ou até mesmo enlouquecer o indivíduo (MENEGETTI, 2011).

Antonio Meneghetti detalha que, o complexo se reforça naquelas pequenas fantasias e nostalgias de um certo passado que, historicamente, está superado.

Na sequência apresentamos o pensamento de Meneghetti sobre o inconsciente individual.

Quando retrata sobre a crise das ciências Antonio Meneghetti expõe sobre o conceito inconsciente individual com a seguinte afirmativa:

Tal mundo subconsciente é um depósito ativo de memórias individuais e familiares que se reencarnam por princípios chamados arquétipos, por isso existe um inconsciente individual, um inconsciente familiar e um inconsciente coletivo. Cada um participa, além de uma ignorância própria, também de um coletivo de ignorâncias. “Ignorância” no sentido de que existem dinâmicas, instintos, direções que o homem não conhece – nem em nível individual, nem em nível social – e que todos os homens são direcionados por esse mundo oculto, negro, que permanece fechado a qualquer possibilidade de indagação consciente e racional. O homem, portanto, é objeto de uma força maior: o inconsciente (MENEGETTI, 2010, p. 119).



Deste modo, essas são as nossas contribuições acerca deste conceito considerando que, em nossa pesquisa não localizamos outras passagens com o termo “inconsciente individual” descrito.

A ordem de nascimento vem compreendida de modo diferenciado na Ontopsicologia, e é realizado o estudo da Psicologia da Genitura. A psicologia da genitura está sempre ligada ao gênero e sexo. “A genitura não procede segundo a ordem dos nascimentos biológicos, mas somente segundo a identidade de sexo. Por isso, um filho homem e uma filha mulher são ambos primogênitos ou filhos únicos, no caso de serem os únicos filhos” (MENEGETTI, 2011, p. 75).

Quando Antonio Meneghetti fala sobre o segundogênito ele expõe que este

é sempre contra e muito crítico, porque, nascendo segundo, se sente sempre o descarte da família: a família já viveu aquela experiência, isto é, ele acontece em uma família em que o filho não é mais percebido como novidade. [...] tem uma reserva crítica e antitética [...] (MENEGETTI, 2011, pp. 75-76).

Ainda é importante que destaquemos que a mãe sempre age com o primeiro filho de um modo, quando o segundo nasce ela somente ama por repetição, não há uma novidade e este segundo pode ser homem ou mulher (MENEGETTI, 2011).

Normalmente também, o segundogênito é o vencedor e tem sorte se aquele primogênito é falido. Se este não é bem sucedido procurar trabalhar junto do primogênito que é vencedor; não trabalha junto para ajudar a vencer mas, para lhe destruir (MENEGETTI, 2011).

Após o primogênito e o segundogênito é importante estudarmos sobre o benjamim, o filho

mais novo, normalmente o terceiro filho ou caçula, tendo assim dois outros diante dele, assim não é nem o chefe nem o crítico, mas quer ser amado por todos (MENEGETTI, 2011).

Sobre este, podemos destacar que aprende a “arte de fazer-se amar [...] Em geral, o benjamim vence na vida, porque aprendeu a achar o seu caminho entre os grandes que vieram antes dele: ele constrói um caminho por contra própria, cativa a mãe tranquilamente e, no fim, chega de todo modo à sua realização” (MENEGETTI, 2011, p. 78).

Após o benjamim, estudamos o filho único. O filho único depende de como a mãe o impôs e assim, podemos evidenciar que, seu drama “é o de nunca calcular que na vida existem também os outros: é natural que cada coisa seja sua, tende a ver o mundo já como seu” (MENEGETTI, 2011, p. 78).

Antonio Meneghetti nos coloca que a genitura também é um estereótipo a ser superado. “Ao final, cada indivíduo que é coincidência com o próprio Em Si ôntico é um benjamim da vida” (MENEGETTI, 2011, p. 80).

O último caso a estudarmos é aquele dos gêmeos que, são uma psicologia à parte, porque, “o gêmeo nasce na necessidade de constantemente dividir o espaço, aquele espaço que cada um de nós – ao invés – sempre teve todo para si. Em seguida, cresce sempre junto ao outro. [...] cada gêmeo vê a si e ao outro como espaço próprio e antítese” (MENEGETTI, 2011, p. 81).

Um dos gêmeos “é o “ministro das relações exteriores” e o outro é o “ministro das relações interiores”. Um é mais tímido e o outro mais extrovertido; um mais inteligente enquanto o outro menos: são sempre a mesma coisa” (MENEGETTI, 2011).

Sendo assim, no processo psicoterápico não se pode fazer com apenas um gêmeo. É necessário falar também com os dois, ainda que um deles esteja bem, enquanto o outro está mal: eles sempre estão unidos (MENEGHETTI, 2011).

Sempre que possível é importante dividi-los. Somente pode ajudá-los à medida que mostra-se o quanto são (MENEGHETTI, 2011).

### 3 Discussões e Resultado

Iniciaremos nossa análise agora, discutindo sobre os conceitos levantados para que assim, possamos evidenciar as distinções e similaridades dos conceitos precitados.

O início de nossa análise se dará com o conceito Id/Isso, de Sigmund Freud.

Freud considera o Id/Isso totalmente inconsciente e onde também se localiza o Eu que não o envolvido inteiramente e, em seu núcleo temos assim o sistema perceptível. Para Freud, seria a morada das pulsões e pode conversar com o Ego e o Superego.

Antonio Meneghetti, para definir o Id/Isso se utiliza de outra denominação, sendo ela “Em Si”. O Em si na Ontopsicologia seria o critério-base como expõe Meneghetti. O Em Si pode possuir diferenciações, sendo: ôntico, do homem, organísmico, naturístico, dependendo das relações do mesmo que queremos entender.

Desse modo, podemos analisar que, Antonio Meneghetti ao convalidar este conceito, aprofundou o estudo sobre o mesmo, trazendo diferenciações entre Em Si(s) mas, baseado no critério base do humano, seu Em Si ôntico. Meneghetti ainda considera que o Em Si é aquele que gera a pulsão, que através do Eu pode fe-

nomenizar-se na história então, para a Ontopsicologia, o Em Si, pode também contatar àquele Eu e segue um caminho que é Em Si, posteriormente Eu a priori e realizando historicamente no Eu lógico-histórico.

O Em Si e o Eu a priori são inconscientes, enquanto que, o Eu lógico-histórico já é parte da consciência.

O Em Si usa-se do Eu a priori que é aquela forma virtual do aqui e agora e esse reflete a pulsão ao Eu lógico-histórico que a transforma em fenômeno.

Para Freud, o Id/Isso usa-se do Ego/Eu que é aquele princípio de realidade que, faz a modulação aceitável, para que o mesmo se externalize na sociedade. Entendendo deste modo podemos dizer que, toda e qualquer pulsão do Id/Isso, segundo Freud, sofreria deste modo, uma “adequação” para que pudesse ser fenomenizada e, deste modo, aquele homem não teria acesso a esta zona inconsciente.

Na Ontopsicologia, é possível afirmar que, algumas pulsões do Em Si ôntico, podem ser defletidas através de mecanismos de defesa chegando ao Eu lógico-histórico e, sendo historicizadas de um modo senão aquele primário mas, também é comprovado que, pode-se evidenciar a aplicação o Em Si ôntico através de linguagem e análise histórica, semiótica médica ou problema, fisiognômico-cinésico-proxêmica, campo semântico, sonhos e resultado.

Assim podemos inferir que, para a Ontopsicologia é possível que, o inconsciente chegue à consciência do homem em sua totalidade ou seja, é possível que o homem conheça este quântico de vida que é, enquanto que para Freud, na psicanálise, seria impossível ter acesso completo ao Id/Isso, acessando somente parte sua,

como manifestações do inconsciente como atos falhos, chistes, sintomas e sonhos mas, nunca chegando a esta completude.

Dando seguimento, analisaremos o conceito freudiano de Ego/Eu que, como já estabelecido, representa a razão. O Ego/Eu é quem adapta a pulsão do Id/Isso para que, essa possa se externalizar. Segundo Freud, no Ego/Eu teríamos os mecanismos de defesa. O Ego/Eu seria aquela parte consciente do humano mas que, de certo modo abrigaria o inconsciente através de mecanismos de defesa.

Trazendo o estudo de Antonio Meneghetti sobre esse conceito, podemos confirmar que ele trata do Ego como Eu e, que nos coloca que é essa a parte psíquica exposta do homem, que é capaz da ação. Ele ainda diferencia o Eu, como já citado anteriormente no estudo deste conceito em: Eu a priori, Eu lógico-histórico, Eu fictício e Eu Sou. Para o autor, o Eu pode então ser inconsciente à medida que o eu fictício envolve também os complexos e projeções.

Deste modo podemos esclarecer que, para ambos os autores o Ego/Eu pode ser tanto consciente, quanto inconsciente, porém, é importante que destaquemos que, Antonio Meneghetti identificou necessário fazer a distinção entre tipos de Eu. Ainda, Antonio Meneghetti coloca o Eu como um modo de autoconservação do organismo, ou seja, a defesa.

Seguindo, analisaremos agora o conceito Superego/Supereu, que se entendido segundo Freud seria, aquele que armazenaria todas as informações da infância e as identificações.

Para Antonio Meneghetti, o Superego é, positivo porque a criança através deste pode aprender em pouco tempo o que, sozinha, talvez não aprenderia, mas, a medida em que essa

introjeção do social, do pai, da mãe é levada como própria e real pode ser também, negativo pois, é capaz assim de condicionar o humano à efetualidade do complexo e não de seu critério base, seu Em Si ôntico. Como já citamos anteriormente, no estudo aprofundado do conceito, Antonio Meneghetti expõe a distinção do pensamento de Freud à medida que considera que Freud entendia o Superego como uma simples introjeção, mas, sem levar em consideração os seus efeitos negativos.

Desse modo, podemos evidenciar que, para Antonio Meneghetti, o superego não é entendido somente como um armazenador de memórias, mas, também, como um produto social e pode levar o homem a não exatidão de seu Em Si ôntico. Antonio Meneghetti assim, dá a passagem de quais são as etapas do processo psicoterápico para que se retome aquele critério base exato do humano.

Nosso quarto conceito é o de projeção que, se entendido por Freud é um mecanismo de defesa, onde projetaríamos em outro qualidades, defeitos que pertencem a nossa personalidade. Para Antonio Meneghetti, a projeção também é entendida como um mecanismo de defesa e, ele detalha que, além de projetarmos no outro algo que é próprio nosso, fazemos isso de modo a uma seleção temática e, para o autor é muito importante que entendamos que, cada um escolhe a realidade por qual é, ou seja, nós quem fazemos essa seleção temática. Ainda, Antonio Meneghetti coloca que, o homem vê nos outros aquilo que é próprio ou porque rejeita ou porque não reconhece, mas que, também algo positivo pode ser projetado.

Podemos assim evidenciar que, para a Ontopsicologia, se o homem está conexo ao seu

critério base os modos de defesa servem apenas para a conservação do homem, mas, não agem como mecanismos que podem tolher essa possibilidade de realização plena do critério.

A nossa análise de conceitos freudianos nos traz uma identificação que, ao convalidar os conceitos, Antonio Meneghetti se usou da teoria já estruturada, e não invalidou nada precitado pelo psicanalista Sigmund Freud, apenas nomeou os conceitos para que pudessem identificarem-se com a Ontopsicologia e, em casos como do Id/Isso e de Ego/Eu foi necessário o desenvolvimento de distinções de modo para que fosse possível categorizá-los e realizar a identificação com a Ciência Ontopsicológica.

Em outros conceitos como de Superego e Projeção, para Antonio Meneghetti foi necessária uma evolução do estudo sobre os mesmos para que fosse possível identificar como se estruturam, como se dá a ação e como se pode, conhecendo estes, reportar o humano àquela lógica de vida, vencedora, sendo um projeto aberto.

Partimos agora, para o primeiro conceito convalidado de Carl Gustav Jung, sendo ele arquétipo. Quando entendido por Jung, arquétipo pode representar tanto o lado positivo quanto negativo considerando que seriam imagens universais e que todos nós teríamos, se não vários no mínimo um arquétipo presente em nosso inconsciente. Ele fez a separação dos arquétipos nomeando-os e classificando-os com motivações básicas.

Os principais arquétipos Junguianos que estudamos no presente trabalho foram: *persona*, *sombra*, *anima*, *animus*, grande mãe e, *self*; já as classificações analisadas foram: sábio, mago,

explorados, criador, herói, rebelde, amante, tolo, cuidador, homem comum, inocente e governante. É muito importante ao considerar a conceituação de Jung entendermos que, os arquétipos também são estudados pela Ciência Ontopsicológica.

Para a Ciência Ontopsicológica, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti focaliza o estudo dos arquétipos exclusivamente sobre a psicologia feminina e, faz a separação em três arquétipos: a mulher velada, a Lilith e a velha. Analisando os três podemos notar que, se considerado o arquétipo da grande-mãe de Jung podemos relacionar os arquétipos da mulher velada e da velha a este, considerando aspectos negativos enquanto que, no arquétipo da mulher velada, a mulher aparecia em forma de sabedoria mas, trazendo aquela mãe como referência do certo e do errado e não o Em Si ôntico da mulher, seu projeto de natureza; podemos relacionar ao arquétipo da velha enquanto essa faz a mulher viver em um estado psicológico, não sendo relacionado à idade cronológica que, pode instaurar para esta mulher a destruição e morte.

Para o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, como já precitado, o critério ôntico, o Em Si ôntico se dá em cada homem de um modo único, não sendo assim possível que, usássemos de arquétipos para defini-lo enquanto que, é um projeto aberto, ligado ao Ser.

Considerando as afirmativas levantadas podemos esclarecer que, para Antonio Meneghetti, os arquétipos são ligados à psicologia feminina e usados apenas para definirem àquelas imagens e modos de vivência repetitivos, ou seja, não positivos para a realização do projeto ôntico da mulher, apresentando esta como a

principal distinção se considerado Carl Gustav Jung.

O segundo conceito que analisaremos de Jung será o de complexo. Para Jung, é importante que declaremos que os complexos são, essencialmente positivos mesmo que, alguns pudessem resultar em psicopatologias e seriam desse modo negativos, ocasionando neuroses, entre outras psicopatologias. Eles organizam memórias, emoções, afetos para que haja a dialética com o Ego e, inclusive o Ego era considerado como um complexo do Ego pois, este organizava as ideias. Assim, segundo Jung, os complexos deveriam possuir valor que, poderia exceder àquele das intenções conscientes pois, caso contrário as rupturas na consciência não seriam possíveis e, podendo colocar assim o homem em estado de coação.

Para o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, o complexo seria um precipitado psicoemotivo, fruto da inserção do alheio no humano – monitor de deflexão. Portanto o complexo, é aquela pulsão do Em Si ôntico que, foi tolhida no momento da imagem matriz e que se estrutura na forma de um complexo. Desse modo é importante destacarmos que, o complexo para a Ontopsicologia é entendido como um modo de enrijecer o eu, de polarizar o eu para apenas uma direção, um modo, uma verdade que não é ligada ao critério ôntico do homem.

É possível verificar aqui a distinção do conceito de complexo assinalando por Jung que é visto, prioritariamente como positivo, enquanto que, para Antonio Meneghetti o mesmo é entendido como, um quântico de vida que, através da imagem matriz e inserção do monitor de deflexão pode condicionar o homem e, tolher a

possibilidade de plena realização de seu projeto de natureza.

O último conceito que analisaremos de Carl Gustav Jung é o de inconsciente individual ou também, como citado por ele, inconsciente pessoal. Para Jung, o inconsciente pessoal não teria relações com o inconsciente coletivo, ou suprapessoal enquanto que, o individual armazenaria lembranças e memórias perdidas ou até mesmo reprimidas de forma proposital, enquanto que o coletivo seria universal, de conteúdos encontrados em todas as partes. Para Antonio Meneghetti, como ele mesmo coloca em um trecho precitado mesmo já havendo a discussão sobre inconscientes, há ainda uma dualidade entre a força da vida e, esta força que seria de morte.

Antonio Meneghetti estrutura o seu estudo do inconsciente, considerando inconsciente como uma denominação para aquele individual ou coletivo, mas, sua pesquisa parte de um ponto central para a resolução da dualidade anteriormente levanta pelas ciências, assim, Antonio Meneghetti parte do critério da Ontopsicologia, do Em Si ôntico do homem e onde há a cisão de consciente e inconsciente e os desvios e, está aqui a distinção, onde existe apenas o critério da vida e, o contrário é considerado como um desvio deste real.

Realizando a análise geral sobre conceitos Junguianos convalidados e de Antonio Meneghetti pudemos detalhar distinções e pontos de similaridade. É importante ressaltarmos que ambos conhecimentos permanecem válidos. Podemos notar nessa etapa que, Antonio Meneghetti, se apoiou em um importante ponto, principalmente para o estudo de dinâmicas inconscientes que é o Em Si ôntico, critério de

natureza do homem e ligado ao Ser e deste modo estruturou a teoria sobre projeção, arquétipos e inconsciente, dentre tantos outros conceitos.

O terceiro autor e conceito analisado será Alfred Adler, usando-se do conceito de ordem de nascimento. Considerando Adler, o mesmo realiza a categorização em três denominações: primogênito, o segundo filho e o caçula. Ele considerava para sua análise a ordem de nascimento, independente de gênero ou outros fatores e definia os três com características específicas, considerando inclusive atribuindo psicopatologias à ordem de nascimento.

Retomando Antonio Meneghetti e o conceito de ordem de nascimento, o mesmo entendia como psicologia da genitura e, não atribuía a ordem de nascimento, mas sim ligada ao sexo (gênero). Meneghetti, realiza a categorização em cinco denominações: primogênito, segundogênito, benjamim, filho único e gêmeos. Ele detalha que, em uma família com um filho homem e uma mulher ambos seriam filhos únicos bem como, se em uma família tivéssemos um filho único que tivesse contato direto com outra criança do mesmo gênero e mais nova este poderia ter traços de primogênito.

Para Antonio Meneghetti, a psicologia da genitura é um aspecto que, se entendido como se dá sua ação, temos a possibilidade de transcendermos e utilizarmos dele de modo positivo, para relações ótimas e crescimento.

Nesta análise encontramos pontos de semelhança enquanto que ambos autores analisaram não aspectos físicos mas, psíquicos e comportamentais. Os pontos de distinção estão principalmente associados ao modo de condução da categorização enquanto que, para Alfred Adler seria a ordem de nascimento o ponto central e, para Antonio Meneghetti, seria o sexo (gênero) conciliado com a ordem de nascimento mas, sempre considerando também a análise de relações da infância daquele homem e, percebemos assim que, Meneghetti evoluiu o estudo sobre este conceito.

Identificamos que a Ciência Ontopsicológica que está baseada em um método bilógico indutivo-dedutivo e intuitivo, aliado às três descobertas, considerando Antonio Meneghetti como o cientista, está na descoberta do critério base do homem, o Em Si ôntico e todas as posteriores análises partindo deste princípio de vida, enquanto o homem é um completo, ligado ao Ser. Apresentaremos uma tabela com a síntese dos nossos resultados.

**Tabela 1** – Conceitos convalidados, apropriados e reapropriados pela Ciência Ontopsicológica

SIGMUND FREUD / PSICANÁLISE	ANTONIO MENEGHETTI / ONTOPSICOLOGIA
<b>ID/ISSO</b>	<b>EM SI</b>
Sem categorizações (pode ser chamado de algo psíquico)	Em Si ôntico, do homem, organísmico ou <u>naturístico</u>
Totalmente Inconsciente	Pode contatar a consciência
Onde se localiza o Eu, que não o envolve inteiramente e em seu núcleo temos o sistema perceptível. Morada das pulsões e conversa com o Ego e o Superego	É aquele que gera a pulsão que, através do Eu pode fenomenizar-se
Usa-se do Ego para contatar o externo e, faz a adequação do mesmo para que se externalize	Pode ser defletido pelo monitor de deflexão antes que chegue ao Eu lógico-histórico
Acesso à parte deste apenas por atos falhos, chistes, sintomas e sonhos	As pulsões do Em Si ôntico podem tornar-se consciência, sem que haja a deflexão
<b>EGO/EU</b>	<b>EU</b>
Sem categorizações	Eu a priori, Eu lógico-histórico, Eu fictício e Eu Sou
Representa a razão	Parte psíquica, capaz de ação
Morada dos mecanismos de defesa	Modo de conservação do organismo, defesa
É consciente mas, também inconsciente	Pode ser inconsciente (eu fictício também envolve complexos e projeções)
<b>SUPEREGO/SUPEREU</b>	<b>SUPEREGO</b>
Armazena todas as informações da infância	Pode ser positivo à criança mas, se condicionado, não é positivo
Possibilita às identificações	A criança pode aprender através do mesmo modos de relação
Considerado apenas como uma simples introjeção	Não entendido apenas como armazenador de memórias mas, produto do social e pode levar o homem a não exatidão
<b>PROJEÇÃO</b>	<b>PROJEÇÃO</b>
Mecanismo de defesa	Mecanismo de defesa
Projetamos em outro qualidades e defeitos que pertencem à nossa personalidade	Projetamos em outro algo próprio nosso por seleção temática, ou seja, através de um tema pré-fixado
-	O homem projeta em outro aquilo que rejeita ou o que não reconhece mas, algo positivo também pode ser projetado
-	Se o homem está conexo ao seu real, os modos de defesa servem apenas para a conservação
<b>CARL GUSTAV JUNG / PSICOLOGIA ANALÍTICA</b>	<b>ANTONIO MENEGHETTI / ONTOPSICOLOGIA</b>
<b>ARQUÉTIPO</b>	<b>ARQUÉTIPO</b>
<i>Persona, sombra, anima, animus, grande-mãe e self</i>	Mulher velada, Lilith e velha
Tanto para homens quanto mulheres	Apenas para mulheres
Positivos ou negativos	Negativos à medida que condicionam à repetição
-	O arquétipo da grande-mãe de Jung pode ser relacionado ao da mulher velada e da velha
<b>COMPLEXOS</b>	<b>COMPLEXOS</b>
Essencialmente positivos	Negativo, modo de enrijecer o eu
Poderiam resultar em psicopatologias e, neuroses	Podem resultar em patologias
Organizam memórias, emoções, afetos	Precipitado <u>psicoemotivo</u>
Entendia o próprio Ego como um complexo	Fruto da inserção do monitor de deflexão
<b>INCONSCIENTE INDIVIDUAL</b>	<b>INCONSCIENTE</b>
Não tem relação com o inconsciente coletivo	Apenas inconsciente
Armazena lembranças e memórias perdidas ou reprimidas	Armazena não só lembranças mas também aquele Em Si ôntico

Fonte: elaborada pelos autores (2022).

#### 4 Considerações Finais

Conforme o objetivo desta pesquisa, de explicitarmos conceitos, originalmente em suas bases, que passaram por apropriação, reapropriação ou convalidação para seu uso na Ontopsicologia foi realizada de uma pesquisa bibliográfica e conceitual, voltada para o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler.

Para que fosse possível a análise dos termos foi necessária a construção de uma linha histórica sobre autores, sobre a Psicanálise de Sigmund Freud, da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, da Psicologia Individual de Alfred Adler e também da Ontopsicologia de Antonio Meneghetti.

Posterior à linha histórica realizamos a análise dos conceitos em suas origens e suas definições e, assim, a análise dos mesmos na Ontopsicologia.

Ressaltamos que, o intuito deste trabalho foi o de análise de cunho exploratório e, não de validação ou invalidação de conceitos enquanto que, os mesmos foram convalidados pelo formalizador da Ciência Ontopsicológica. Devemos firmar que, todos os conceitos utilizados neste trabalho foram convalidados.

Podemos reforçar que o conceito de Sigmund Freud Id/Isso, passou por uma reapropriação para seu uso na Ontopsicologia considerando que além de categorizá-lo, Meneghetti atribuiu um sentido de entendimento diverso. Deste mesmo modo ocorre com o Ego/Eu. O conceito

de Superego foi reapropriado e o estudo deste mesmo foi evoluído de modo que Meneghetti expõe essa diferença de significância. O último conceito analisado de Freud foi o de projeção que, foi um conceito apropriado pois, Antonio Meneghetti evoluiu o estudo que Sigmund Freud já havia estabelecido sem que, houvesse uma alteração de significância.

O conceito de arquétipo de Carl Gustav Jung foi um conceito apropriado à medida que, houve uma grande diferença de categorizações e de sentido/significado. Deste mesmo modo, complexo também foi um termo reapropriado onde houve alteração de significância. O inconsciente individual foi convalidado e podemos afirmar que, seu estudo foi evoluído de modo que, não foi apropriado nem reapropriado, mas sim, construído.

Referente ao conceito de Alfred Adler de ordem de nascimento detalhamos que, houve uma reapropriação de sentido e de categorização.

Deste modo, além de obtermos êxito no objetivo geral, também os objetivos específicos foram concluídos.

Consideramos ao finalizar esta pesquisa que, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti deixa seu legado com e para a ciência demonstrando que, todos os estudos realizados anteriormente são válidos e completos se considerarmos o contexto e época que se desenvolveram mas, fomenta também que, sigamos assim o estudo da ciência ontopsicológica, que sigamos estudando e compreendendo esta que é uma ciência que propõe que o homem, através



de sua realização enquanto existência possa ser agente em um contexto dinâmico.

Encerramos o presente trabalho porém, com a certeza que este estudo seguirá e que o legado que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti deixou para a humanidade fará seu nome perdurar e, formar homens capazes de realização, atuando seu projeto de natureza.

## Referências

- ADLER, A. **A Ciência da Natureza Humana**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- FRANZ, M-L; JUNG, C. G. **O Homem e Seus Símbolos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.
- FREUD, S. **Obras completas Volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRIEDRICH, S. M. Alfred Adler. **Federação Brasileira de Psicanálise**, 2009. Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/alfred-adler/>. Acesso em: 18 mai. 2022.
- FURTMÜLLER, C. Alfred Adler: un ensayo biográfico de Carl Furtmüller. In: ADLER, A. **Superioridad e Interés Social** – Una colección de sus últimos escritos (pp. 269-341). México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- HANDLBAUER, B. **A Controvérsia Freud-Adler**. São Paulo: Madras, 2000.
- JUNG, C. G. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. **Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.
- MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e Inconsciente**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.
- MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.
- MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.
- MENEGHETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana: princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.
- PERON, R. **História da Psicanálise**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991.

PLON, M; ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Sahar Editor Ltda, 1998.

VISUS. A relação entre a personalidade e a ordem de nascimento dos irmãos. **Artigos**, 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://visusconsultoria.com.br/artigos/a-relacao-entre-a-personalidade-e-a-ordem-de-nascimento-dos-irmaos#:~:text=entre%20pais%20e%20filhos%20e,desadaptativas%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20algumas>. Acesso em: 24 set. 2022.